

Obras complicam o trânsito na Rua 15 de Janeiro em Canoas

PAULO PIRES/GES



Pequeno trecho da Rua 15 é via de mão dupla

Leandro Domingos

leandro.domingos@gruposinos.com.br

Canoas – Desde outubro, quando começou a movimentação de operários e máquinas para o começo das obras do túnel da Rua Domingos Martins, aumentou o fluxo de veículos que procuram escapar da BR-116 em Canoas.

Os motoristas que usam a rodovia em direção à área central buscam alternativas para acessar o Centro sem passar pelo funil em que se transformou a BR-116 nas proximidades do Conjunto Comercial.

Com isso, aumentou o fluxo de carros, motocicletas e, vez ou outra, caminhões que acessam a Rua 15 de Janeiro, principal via do Centro, por meio da Rua Regente Feijó, cujo fluxo leva até a Prefeitura de Canoas.

O problema é que a 15 de Janeiro começa com mão dupla antes de se tornar via de mão única, mas muitos condutores estão ignorando a sinalização e utilizando a pista dupla como se fosse uma faixa só.

+ Sinalização

Por meio de nota, a Secretaria de Mobilidade Urbana (SMMU) informa que o local, conforme previsto na legislação de trânsito, conta com sinalização indicando o trecho de mão dupla, proibindo o trânsito de veículos na contramão.

A Prefeitura de

Discussões

Comerciante na área, Paulo Ricardo, 56 anos, já viu bate-bocas no local por conta de motoristas que pensaram em fazer a conversão para descer a 15, mas “toparam” com motoristas parados na pista contrária. “Só não deu nenhum acidente ainda porque existe um semáforo que impede os dois motoristas de ‘beijarem’ o para-choque com velocidade”, observa. “Além disso, a saída da 15 é uma subida. Os motoristas não conseguem subir a milhão.”

Motorista de aplicativo, Jonas Mattos da Silva, 44 anos, explica que o risco é para os motoristas que circulam pela Domingos Martins em direção ao centro-bairro, que tentam fazer a conversão corretamente e não conseguem. “Eu não sei se quem sobe a 15 de Janeiro está desrespeitando o sinal ou apenas não sabe mesmo que aquele trechinho é mão dupla”, argumenta. “Porque às vezes a pessoa nem é de Canoas e só começou a acessar o lugar agora, por causa das obras.”

Canoas reforça aos condutores a necessidade do cumprimento das normas de trânsito em todas as vias públicas. A SMMU segue trabalhando com engenharia, fiscalização e educação para aumentar a segurança no trânsito de Canoas.

Força Aérea explica voos de caças sobre Canoas

Canoas – Chamou a atenção na semana passada a quantidade de voos de caças em Canoas. A movimentação foi considerada incomum por alguns moradores de bairros como Nossa Senhora das Graças, Fátima e Niterói. Houve muita especulação a respeito do porquê os voos se tornaram mais presentes entre a manhã de segunda-feira (15) e a tarde quarta-feira (17). Teve quem opinou sobre a quota de combustível e as horas necessárias a cada piloto no ar, motivo pelo qual a reportagem questionou a Força Aérea Brasileira (FAB).

Morador do Nossa Senhora das Graças, Alaor Silveira, 66 anos, contou que as atividades na Base Aérea de Canoas começaram logo cedinho e se estenderam durante toda a tarde. “Notei que eles começam logo cedinho arrancando avião e voltam só ali pelas 18 horas”, aponta. “Eu só não sei dizer por que tantos voos? Como moro perto, parece que vão arrancar o telhado.”

O que diz a FAB

Em nota encaminhada pela assessoria de comunicação, a Força Aérea Brasileira (FAB) informou “que realiza, de forma rotineira, treinamentos operacionais no sul do país, empregando diversas aeronaves, incluindo as de caça, com o objetivo de manter elevado o nível de prontidão de suas unidades Aéreas.”

Ainda por meio da nota, a FAB esclarece que “durante os treinamentos, as aeronaves podem sobrevoar diferentes áreas, mas sempre respeitando rigorosamente as normas de segurança operacional e de controle do tráfego aéreo, bem como os procedimentos estabelecidos para voos em áreas urbanas.”

(Leandro Domingos)

Gaúcha relata drama no atentado na Austrália

Andressa Robe Peters estava na praia minutos antes do ataque que feriu 40 e matou 15 pessoas

Luiza Helena Peters

luiza.peters@gruposinos.com.br

O dia 14 de dezembro foi marcado por pânico e tristeza na Praia de Bondi, na Austrália. O atentado à uma celebração judaica na praia feriu 40 pessoas e deixou 15 pessoas mortas, atravessando não só suas histórias e a de suas famílias, como as dos cerca de 11 mil habitantes do local. Andressa Robe Peters, gaúcha que vive na Austrália há 10 anos, foi uma destas pessoas.

Natural de Pelotas, Andressa deixou o Brasil para estudar inglês, após se formar em Relações Internacionais, em 2015. Ela mora na Praia de Bondi, que fica a cerca de sete quilômetros de Sydney e é descrito como tranquila e pacífica. “Aqui na Austrália o pessoal é muito do bem, é muito coração”, detalha Andressa.

Andressa relata que naquele domingo havia visitado a praia 30 minutos antes do ataque. Ela costumava passear no local rotineiramente. Porém, ao chegar em casa começou a receber ligações de amigos e familiares preocupados com sua segurança. Seu namorado, também brasileiro, ainda não havia retornado à residência em que moram juntos, e foi quem a avisou sobre o atentado que acontecia na praia.

Homenagens para as vítimas

Os dias que sucederam a tragédia foram marcados por homenagens às vítimas - com flores, recados e cantos especiais, além de uma marcha organizada por surfistas nas ondas de Bondi. Segundo Andressa, os moradores ainda seguem abalados, levando em conta o caráter próximo da comunidade local e o choque em vivenciar um atentado em meio a um local de comum circulação. “Eu também nem sei o que devemos fazer, sair na rua e continuar a vida? Diante de uma tragédia dessas... Ainda estou sem palavras, muito triste”, completa.



Homenagens às vítimas foram prestadas por moradores

Após receber a informação, Andressa começou a ouvir os barulhos de sirenes e helicópteros que circulavam o local na tentativa de controlar o tiroteio. “Ninguém sabia muito o que estava acontecendo, as pessoas estavam muito assustadas. Eu não estava presente no momento do tiroteio, mas eu estava muito perto, então eu estava muito mal, eu sentia o medo das pessoas. Foi um momento de muita tensão no ar”, relata.

Confusão

Inicialmente as informações eram confusas, não havendo confirmação do número de atiradores e suas localizações ao redor da praia, o que afligia Andressa por não ter certeza da segu-

rança de seu companheiro e amigos. “A gente jamais imagina que possa acontecer tão perto da gente, foi como um pesadelo”, relembra.

A jovem também explicou que as celebrações na praia são comuns em Bondi, tornando-se um ponto de encontro entre os moradores e visitantes. Além disso, o número de pessoas que se identificam como judias na Austrália chega a quase 100 mil. “Na minha rua tem duas sinagogas, a comunidade judaica está muito abalada”, comenta Andressa.



+ O atentado

Na tarde do dia 14 de dezembro, a praia de Bondi recebia centenas de judeus para a celebração do Hanukkah - tradição comemoração judaica que se inicia no dia 14 e comemora a rededicação do Segundo Templo em Jerusalém.

Durante o momento, dois atiradores começaram a disparar balas contra os celebrantes, ferindo 40 pessoas e matando 15, incluindo policiais e uma criança. Pai e filho, os atiradores foram identificados como Sajid Akram e Naveed Akram,

de 50 e 24 anos. A partir do confronto entre a polícia e os atiradores, o pai morreu, enquanto o filho foi preso e acusado por 59 crimes, incluindo terrorismo. Segundo informações levantadas, os acusados tinham inspiração do Estado Islâmico (EI).

Ahmed al Ahmed, um comerciante de frutas sírio que salvou várias vidas durante o ataque, recebeu 2,5 milhões de dólares australianos na sexta-feira (19). Ele ficou ferido. O dinheiro foi arrecadado em uma vaquinha on-line.